

A GRANDE ARTE DO NOSSO POVO, SIMPLES MAS ENGENHOSA

APITOS E ASSOBIOS

As presentes linhas deviam acompanhar um artigo intitulado: «O apito e o assobio», da autoria do saudoso investigador Artur Lamas, e que, por este, foi publicado há alguns anos na *Alma Nova*.

Não é isenta de responsabilidades a missão do artista moderno, para que tenha de limitar-se apenas, como ainda ás vezes sucede — a um labor exclusivamente material; e assuntos há, como o presente, que devem levar a sua atenção ao desejo de conhecer *alguma coisa mais* do que a técnica da sua arte. A repetição excessiva dos mesmos modelos em determinadas poses académicas; a submissão fiel aos convencionalismos aparatosos da arte oficial; e ainda, o demasiado rigor *para tudo que não seja consagrado* tornam os nossos ambientes artísticos pouco arejados, monótonos e tristes. . .

O travar conhecimento com modelos singelos, que, vistos isoladamente, se afiguram a muitos olhos destituídos de importância e falhos de elementos estéticos, dá, contudo, ao artista que tenha algum empenho de estudar ou de compôr, o melhor ensejo de interpretá-los com fidelidade e carinho e a descobrir neles, quando sejam observados em conjunto, os mais variados temas de beleza decorativa. Assim, divulgar os objectos *mais vulgares* por meio do desenho, explicando conjuntamente o material de que são feitos e a sua aplicação, é contribuir, em parte, para um conhecimento mais amplo das coisas de que faz uso o nosso povo; e se o artista deve alhear-se sinceramente de preocupações eruditas — pois não é esse o papel que lhe cabe — nunca deve desprezar o ensejo, que o acaso lhe ofereça — de alargar a esfera dos seus conhecimentos por meio de *investigações directas* que auxiliem e fortaleçam o seu campo de visão.

Quando tivemos de ilustrar o artigo do Dr. Lamas procuramos conhecer o maior número de modelos de apitos populares e vimos que eram

principalmente estimados pela população infantil — a qual possui uma psicologia própria e adora a côr, o movimento e o . . . ruído.

Um dos apitos mais simples e originais que a maioria dos rapazes conhecem, é o que eles fazem, por exemplo, dum vulgaríssimo caroço de alperce. Esfregado este repetidas vezes no cunhal de qualquer porta, parede, ou pedra de calçada, vão-no sucessivamente desgastando, até conseguirem abrir numa das extremidades, uma breve fenda pela qual sopram depois de modo especial, tirando agudíssimos sons.

Usam também as crianças, nas suas correrias ao ar livre, uns apitos denominados *de chicote*, que têm geralmente, na extremidade do

cabo, o orifício por onde elas apitam. Como porém acontece que nem todas os podem adquirir por falta de meios, limitam-se algumas a fazerem modestos apitos de cana, cujas formas variam de feitio e de tamanho.

Apitos de barro, de feição acentuadamente popular, temos alguns na colecção que possuímos. Constan de pombas, galos e galinhas, tendo as últimas ausencia . . . de cabeça. Estas figuras de animais são coloridas de amarelo indiano, especialmente na parte onde se vêem as asas, e sobre elas, assim como no pescoço e na cabeça, há pequenas manchas de côr verde e vermelha, sendo a da crista do galo dum vermelhão vivo. Apenas num destes apitos de que falamos o que representa a galinha — se conseguem tirar sons tremulados, porque é o único que na referida colecção é preparado para conter água; mas temos visto noutras colecções que o reservatório da água é extensivo aos mais diferentes modelos, como, por exemplo, no de jesuita. Nos apitos que levam água observamos quasi sempre tres orificios, conduzindo um deles ao reservatório onde ela entra.

Lembra-nos de que vimos há anos, numa exposição de cerâmica do grande artista Ralad



APITOS DE BARRO

Bordalo Pinheiro, um apito (1) que simbolisava o próprio caricaturista, e conhecemos algumas páginas das suas notáveis publicações onde se vêem apitos, sendo uma das mais célebres a publicada numa dupla página central dos *Pontos nos 11*, 1.º ano, n.º 2, de 14 de Maio de 1885, intitulada «O estado da nossa praça», onde se observam várias individualidades políticas da-quele tempo, apitando.

Na colecção de apitos do Museu Etnológico Português (2) organizada pelo benemérito sábio Dr. Leite de Vasconcelos há grande variedade de apitos de barro, simbolizando uns, cabeças de políticos, outros, vendedores ambulantes e condutores de gado, ou objectos de uso comum, tais como cadeiras, bêrços, etc.

Nos nossos mercados encontram-se á venda, no mês de Junho, em que estamos, apitos com as imagens dos três santos populares: Santo António, S. João e S. Pedro.

E' muito curiosa também pela elegância das linhas e o contraste que produz com os apitos de barro, a série composta de apitos de osso, marfim, ou madeira, os quais produzem, quando se faz uso dêles, o tal som tremulado a que já fez referência o Dr. Artur Lamas.

Os apitos dos bombeiros, dos ferroviários, dos

condutores dos eléctricos, e bem assim os do jôgo do *foot-ball* e os de bordo, são geralmente de metal branco, excepto o de *foot-ball* que é algumas vezes de metal amarelo ou niquelado. Desta série de apitos de metal ha alguns muito semelhantes de fôrma e outros que divergem dela. Devemos dizer que um apito de bordo, que já nos serviu de modelo, era excepcionalmente de prata e que o apito de sereia foi importado

de Paris. Pelo menos é o que se depreende da marca que traz.

Quanto aos diferentes modos de assobiar podia com êles fazer-se um estudo especial desenvolvido, tantos êles são, mas basta que lembremos por agora alguns: — há quem

assobie unindo simplesmente os lábios, seguindo a preceito oprimeiro movimento que êles empregam na acção de beijar e ha quem assobie metendo os dedos indicadores a cada canto dos lábios, ou colocando apenas um dedo sobre os dentes incisivos do maxilar inferior, sob a língua. Consegue-se assobiar de ócarina ligando as mãos e cruzando os dedos, de modo que os polegares fiquem ligeiramente arquiados mas unidos na parte superior, estabelecendo assim uma abertura natural por onde se assobia depois. .

Como acaba de vêr-se, ha sempre no convívio do nosso povo de que alguns artistas portugueses têm andado ingratamente alheados, algumas coisas que, embora modestas, podem e devem merecer-lhes importancia.



APITOS DE MADEIRA

(1) Está actualmente exposto no Museu de «Rafael Bordalo Pinheiro», competentemente dirigido por D. Julieta Ferrão.

(2) Cfr. História do Museu Etnológico pag. 244-245 e notas.